

Índios matam mais brancos

Sob para 19 o número de vítimas do conflito na Reserva Gorotire, no Pará

Belém. - Pelo menos 19 pessoas, entre crianças e adultos foram trucidadas pelos índios Xikrin de Peruna Gorotire, na Fazenda Espadilha, localizada a 150 quilômetros da Vila de Redenção, no município de São Félix do Xingu. Os índios invadiram a fazenda na segunda-feira, por volta das 16 horas. Segundo as informações, os índios também violentaram duas mulheres, esposas de empregados da fazenda e duas menores. Os corpos estão insepultos e em Redenção todos estão apavorados e ninguém tem coragem de ir à Fazenda Espadilha verificar a extensão dos danos provados pelo ataque dos índios Xikrin.

A informação do ataque foi levada à Vila de Redenção, em Conceição do Araguaia pelo advogado Luis Tavares, que é proprietário da fazenda Macedônia, que fica a 12 quilômetros da Fazenda Espadilha, onde aconteceu a tragédia. Luis Tavares foi quem telefonou para Belém so-

licitando providências junto às autoridades policiais e Funai. A Polícia Militar do Estado ficou de enviar à Redenção um reforço de 300 homens mas até a noite de ontem os militares não haviam chegado àquela região.

Muitos fazendeiros estão apavorados com a reação dos índios e não sabem o que fazer. Algumas fazendas ficam próximas da Espadilha e seus proprietários temem por uma outra invasão, o que segundo eles, poderá ocorrer a qualquer momento.

CRIANÇAS MORTAS

Até ontem à noite, em Redenção, não se tinha uma informação concreta de como ocorreu a invasão dos índios. Também ainda não se sabe certo o número de mortos, uma vez que a Delegacia Regional da Funai, em Belém, informou ontem que são 12 os mortos pelos índios, que usaram no ataque um grupo de 80 guerreiros, divididos em duas turmas.

Há uma semana que os índios vinham mostrando sinais de que iriam invadir a Fazenda Espadilha, que fica nos limites de Reserva Indígena. E os empregados entraram em pânico. A fazenda é de propriedade de João Sena que comprou, há pouco tempo, do fazendeiro Joaquim Alves de Freitas, conhecido por "Quinzinho". João Sena é maranhense e mora no município de Santa Helena.

Segundo as informações colhidas em Redenção, na segunda-feira, os índios penetraram na Fazenda Espadilha, quebrando tudo, saqueando objetos e matando os empregados. Destruíram as casas dos empregados e até um cofre e carregaram até valores em dinheiro. Violentaram e mataram duas senhoras gestantes e duas menores e depois fugiram para as matas.

Os índios mataram o gerente da fazenda, de nome Jonas, sua esposa, e três filhos (um menor e duas menores), José Divino, sua

esposa e duas filhas, uma de 5 e outra de 6 anos de idade. O empregado Carlos, sua mulher e três filhos, com idade entre 3 e 6 anos. Também mataram o empreiteiro da fazenda de nome Waldemar e os pedes Otílio, "Nenezão" e um outro que não foi identificado. Sabe-se também que mais quatro pedes ainda estão desaparecidos, não se sabendo se eles foram mortos ou conseguiram fugir.

O clima na região onde aconteceu a tragédia é de medo. Não se sabe o rumo que tomaram os empregados das fazendas vizinhas à "Espadilha". Até ontem a noite não haviam chegado a Redenção, no município de Conceição do Araguaia. Os fazendeiros estão apavorados e à espera de providências das autoridades policiais e da própria Funai.

As primeiras informações dizem que seriam aproximadamente 500 índios que invadiram a Fazenda Espadilha, matando todos os seus empregados. Entretanto, o delegado da Funai desmentiu essas informações.

Andreazza garante que os fatos serão apurados e encaminhados à Justiça



O cacique Kanhonko que participou do ataque na Fazenda Espadilha

Referindo-se ao incidente entre índios Xikrin e brancos na região de Conceição do Araguaia, no estado do Pará, o ministro Mário Andreazza disse ontem que os acontecimentos não desviarão o Governo dos propósitos de assegurar os direitos dos índios no país. "Esse fato será apurado convenientemente pela Polícia Federal e depois encaminhado à Justiça Federal, de forma que se possa tomar todas as providências dentro da lei e afastar a violência completamente de nossas cogitações" - acrescentou o ministro do Interior.

Andreazza disse ainda que não recebeu informações seguras para

uma apreciação exata dos acontecimentos, aguardando o relatório que será encaminhado pela Funai, que se encontra na área para apurar os fatos. Explicou o ministro que a área estava sendo demarcada pela Fundação Nacional do Índio, que inclusive examinava várias reivindicações das populações indígenas, quando surpreendentemente ocorreu o incidente. "Nós fomos completamente surpreendidos, uma vez que nós estávamos trabalhando no sentido de cumprir a lei. Daí insisto que não se pode ainda formar um juízo do que aconteceu sem que se tenha informações seguras", disse Andreazza.

Funai divulga nota onde confirma as mortes e invasão de outras fazendas

Em nota distribuída ontem à noite, a Fundação Nacional do Índio informou em Brasília que os funcionários que deslocou terça-feira última para a área do conflito entre os Xikrin e brancos receberam notícias de que mais quatro, ou mais nove, pessoas teriam sido mortas pelos índios, que estarim atacando outras fazendas, além da Fazenda Espadilha, onde foram encontrados 12 corpos, sendo cinco de criança e três de mulheres gestantes. As notícias sobre o alastramento do conflito entre os Xikrin e os brancos não foram confirmados pelos funcionários da Funai, acrescenta a nota, porque densa bruma encobre a região, impedindo o pouso de aviões, e um assessor da presidência do órgão só conseguiu chegar ontem à Fazenda Espadilha de helicóptero.

Ao mesmo tempo, ontem, em Brasília, funcionários da Funai que pediram para não ser identificados informaram que um outro conflito entre índios e brancos está ocorrendo no Pará, entre os Tembés, posseiros e uma fazenda localizada dentro de suas terras, a 13 quilômetros da sede do

município de Capitão Poço. A Secretaria de Segurança Pública do Pará tomou conhecimento do conflito, o segundo este ano. Embora sem confirmação oficial, as informações dão conta de que no choque entre os Tembés e invasores de suas terras houve índios feridos, depois de terem destruído diversas pontes que davam acesso ao seu território e queimado várias plantações nele situadas.

GOROTIRE

Como seus parentes Txukaramái, os Xikrin, de mesma língua, Kalapó, tronco linguístico Macró-Jê, são temidos. Ao transitar por Brasília, rumo a São Paulo, a antropóloga e professora da USP Lux Vidal, de retorno de um levantamento da situação de vários povos indígenas localizados no Pará, entre eles os Xikrin, no dia 24 de julho passado dizia em entrevista exclusiva ao **Correio Brazillense** que "a 2ª Delegacia Regional da Funai está "namorando" muito os Xikrin do Gorotire, pois tem muito medo dos Xikrin, eles têm uma certa força".

No dia seguinte, o presidente da Funai, coronel João Carlos Nobre

da Veiga, decolava de Brasília em um avião do órgão com alguns jornalistas convidados para acompanhá-lo em visita à Reserva de Gorotire. Lux Vidal referiu-se ao "namoro" da 2ª DR da Funai, sediada em Belém, com os Xikrin, ao tomar conhecimento da viagem que o presidente da Funai faria a Reserva. Na época, as áreas indígenas de todo o país estavam fechadas a jornalistas, assim como a pesquisadores científicos, o que só não impedira sua pesquisa entre os índios por já estar entre eles quando houve o fechamento, que provocou protestos da SBPC e da Associação Brasileira de Antropologia, entre outras entidades.

Segundo contou a pesquisadora, um "corredor" entre a Reserva do Gorotire e a do Caetetê, situada ao norte, cortando em dois o território tribal dos Xikrin, estava servindo para a penetração de grande número de invasores das terras indígenas. Antiga aspiração dos Xikrin, o reconhecimento da existência de seu território tribal como uma área contínua, com a supressão desse "corredor" e a demarcação das duas reservas como uma

só não era feito pela Funai, em função da passagem de uma estrada a São Félix do Xingu - Redenção, informou, ainda, a antropóloga. Esse era o principal problema dos Xikrin, já de conhecimento da Funai, pelo que a viagem do presidente do órgão à reserva de Gorotire não teria maior sentido para os índios, que "têm recebido o dinheiro da castanha que coletaram e estão em um momento de euforia".

Em confirmação ao que antevira Lux Vidal, na nota ontem distribuída pela sua Assessoria de Imprensa, o presidente da Funai declara que "quando estivemos em visita de inspeção no Posto Indígena Gorotire, no dia 25 de julho último, em companhia de alguns jornalistas, os índios caiapós não fizeram qualquer reivindicação de acréscimo de área". Durante a estada de Nobre da Veiga em Gorotire, de apenas quatro horas, eufórico, os Xikrin não repetiram a reivindicação que há muito vinham fazendo sem ser atendidos, ao que tudo indica, na origem do conflito que eclodiu segunda-feira passada.

Data: 04.09.80

Pg: _____

Fonte: Correio Brazillense

Class: 20

CEDI

Povos Indígenas no Brasil